

CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA REALIZADOS PELA ENFERMAGEM NOS ANOS DE 2013 A 2017

Beatriz de Castro Magalhães¹, Maiara Bezerra Dantas², Bruna Erilania Vieira de Sousa³,
Ingrid Mikaela Moreira de Oliveira⁴

1- Autor, Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: beatriz.castro022015@gmail.com

2- Co-autor, Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: maiara-dantas13@hotmail.com

3- Co-autor, Universidade Regional do Cariri – URCA. Email: erilaniabruna16@hotmail.com

4- Orientador, Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: ingrid_lattes@hotmail.com

RESUMO

A violência como problema de saúde pública repercute em diversos setores e no dia-a-dia das vítimas e dos demais envolvidos. Nesse sentido, é relevante considerarmos como esse problema vem sendo visualizado e abordado pelo serviço de saúde, em particular pela enfermagem. Acredita-se que enquanto profissão que atua no acolhimento e assistência integral às vítimas de violência, esta deve se fundamentar na prática baseada em evidências para a obtenção de resultados satisfatórios. Assim, objetiva-se conhecer o que está sendo produzido e veiculado sobre violência pela Enfermagem nas principais revistas nacionais de enfermagem e de saúde pública nos últimos cinco anos, e descrever os principais achados acerca dos tipos de violência de maior prevalência nos estudos. Para tanto, utilizou-se o diretório de revistas, Scielo. Os artigos selecionados foram submetidos a um formulário pré-estruturado, o qual caracteriza: ano de publicação, abordagem da pesquisa, periódicos de publicação, descritores ou palavras-chaves mais usadas e caracterização das violências abordadas. Os anos em que houveram maior porcentagem de publicações foram: 2013, 2015 e 2016, respectivamente. Dentre os cinco anos de publicação avaliados, a abordagem qualitativa representa 63% das pesquisas e a revista Gaúcha de enfermagem foi o periódico com maior número de publicações, correspondendo a 30% do total. Os termos “enfermagem” e “violência” foram utilizados de forma combinada na maioria dos descritores e palavras-chaves. A violência de gênero representa 34% dos tipos de violência abordados, seguida da violência doméstica com 23%. Os principais achados quanto aos tipos mais prevalentes de violência abordados, se mantiveram na discussão sobre os obstáculos ao enfrentamento à violência por parte da enfermagem e do serviço de saúde como um todo, com descrição do principal elemento para a resolução desse problema, se configurando na assistência integral à vítima. Ao comparar os cinco anos analisados, observa-se que houve predominância de publicações no ano de 2013 com declínio nos demais anos, tornando carente as publicações de enfermagem voltadas para essa temática. Nesse sentido, torna-se essencial, que a enfermagem realize a produção, com maior periodicidade de pesquisas a respeito dessa temática de tanto destaque, para subsidiar as condutas de estudantes e profissionais de enfermagem através da prática baseada em evidências.

Descritores: Violência, Assistência à saúde, Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A violência é entendida como o uso intencional de força ou poder contra outra pessoa, grupo ou comunidade, a qual resulta em chances elevadas de injúria, morte, dano psicológico, alteração no desenvolvimento ou privação deste. Aproximadamente 2,5% das mortes no âmbito mundial são consequências dos diversos tipos de violência, sendo que milhares de

pessoas sofrem com violências não fatais em seu dia-a-dia. A violência é a quarta causa de mortalidade na faixa etária de 15 a 44 anos (OMS, 2014).

Segundo o Sistema de Vigilância em Violência e Acidentes (VIVA), no triênio de 2013 a 2015, ocorreram 352.382 notificações por violência no Brasil. Corroborando para a exposição dos danos gerados pela violência, o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) notificou, nesse mesmo período, 174.623 casos de mortes por agressões. (BRASIL, 2015). Os altos índices de mortalidade, bem como os diversos danos e prejuízos que a violência gera no bem-estar e na qualidade de vida das pessoas e nos altos custos para saúde e a segurança, torna-a um problema de saúde pública (CRUZ; AZEVEDO; GONÇALVES, 2011; VALENTE *et al.*, 2015).

Embora haja altos índices de mortalidade, esta significa apenas uma parcela da carga social e de saúde consequente da violência. Todos os dias, mulheres, crianças e idosos têm que arcar com o impacto das consequências não fatais de abusos físicos, sexuais e psicológicos. Além de causar danos correlacionados à agressão, a violência também influencia indiretamente em problemas de saúde ao longo da vida. As principais causas de morte, como por exemplo, doenças cardíacas, decorrem de maus comportamentos como: tabagismo, consumo de álcool e outras drogas, que as vítimas adquirem para amenizar o impacto psicológico gerado pelos diversos tipos de violência (OMS, 2014).

Diante de tais fatos, aponta-se a relevância dos profissionais de saúde, principalmente a Enfermagem, que atua justamente no acolhimento e assistência ao paciente de forma direta e integral, ser preparada para identificar casos de violência, acolher, tratar e realizar a referência e/ou contra referência a essas vítimas, dando-lhes apoio (LIMA *et al.*, 2017). Devido às várias comorbidades ocasionadas pela violência, torna-se imprescindível que tais profissionais realizem busca ativa, sabendo identificar casos de violência não relatados e traçando estratégias de cessação desse círculo de agressão.

Um fator que se torna imprescindível na assistência em enfermagem é a prática baseada em evidências (PBE), a qual é definida como a utilização de indícios científicos para a melhor tomada de decisão em relação a cada caso. Tal prática se vale do rigor metodológico na realização das pesquisas. Baseando-se pela PBE, o enfermeiro deve assumir inúmeras responsabilidades, dentre ela está a participação em pesquisas, nas quais o enfermeiro tem como objetivo desvendar questões e solucionar problemas relevantes para a enfermagem (POLIT; BECK, 2011).

Tendo isso em vista, é essencial que seja determinada a situação em que se encontram as pesquisas de enfermagem sobre violência, tanto no que diz respeito à

abordagem qualitativa como quantitativa, a procura de evidências que sensibilizem as autoridades responsáveis quanto a elaboração de estratégias de enfrentamento e prevenção desses agravos, dando o subsídio necessário para a atuação de Enfermagem. Portanto, acredita-se que a proposta desse estudo seja relevante para a maior visibilidade a respeito da temática e para determinar o quanto a enfermagem brasileira está contribuindo em termos de evidências científicas sobre a temática.

Dessa forma, objetiva-se conhecer o que está sendo produzido e veiculado sobre violência pela Enfermagem, nas principais revistas nacionais de enfermagem e de saúde pública nos últimos cinco anos, e descrever os principais achados acerca dos tipos de violência com maior predominância nesses estudos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica, do tipo descritiva, realizada por meio de busca eletrônica para o levantamento das literaturas que estão sendo produzidas pela enfermagem a respeito da violência.

Segundo Prodanov e Freitas (2013), a revisão bibliográfica trata-se de um estudo realizado com base em material já publicado, seja em forma de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico e internet. Os autores trazem que o objetivo desse tipo de estudo é de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. No que diz respeito à pesquisa descritiva, entende-se que tem como objetivos observar, registrar, analisar e ordenar dados, procurando descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, características, causas e relações com os fatos.

Esse estudo se embasou nos periódicos nacionais de enfermagem e de saúde pública de maior relevância segundo seu Qualis, indexados no Diretório de revistas Scientific Electronic Library Online (Scielo). Foram utilizados os seguintes Descritores em ciências da saúde (Decs): violência, enfermagem e assistência à saúde. A busca obedeceu também aos seguintes critérios de inclusão: serem artigos completos publicados em periódicos nacionais de Enfermagem e de Saúde pública; apresentarem no título, resumo ou nos descritores os termos enfermagem e violência; e serem publicados entre o período de 2013 a 2017. Os critérios de exclusão utilizados foram: apresentar título estrangeiro, ser repetido e serem pesquisas de revisão.

Nesse sentido, foram encontrados 154 artigos, dos quais, após a leitura flutuante foram selecionados 43 para leitura mais aprofundada. Os dados foram coletados no mês de agosto de 2017, embasado em um formulário pré-estruturado, incluindo questões como: ano de publicação, abordagem da pesquisa (qualitativa ou quantitativa), periódicos de publicação, descritores ou palavras chaves mais usadas e caracterização das violências abordadas. Tais dados foram analisados utilizando-se a estatística descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa inicial revelou um total de 154 artigos, que após análise mediante os critérios estabelecidos caíram para 43. Os artigos estudados apresentam maior concentração de publicação em 2013, representando 37% do total, sendo seguidos do ano de 2015 (21%) e 2016 (16%). Quanto ao tipo de abordagem apresentada pelos artigos, observou-se a predominância da abordagem qualitativa em aproximadamente 63% das pesquisas, sendo a abordagem quantitativa equivalente a apenas 37% de todos os artigos.

Um estudo anterior, que estudou as tendências da produção científica brasileira de enfermagem sobre violência, no período de 2003 a abril de 2008, encontrou-se resultados equivalentes ao nosso, onde a abordagem qualitativa representava aproximadamente 70% das produções (DANTAS *et al.*, 2008). A utilização predominante da abordagem qualitativa justifica-se pelo fato de proporcionar o estudo de questões, onde a manipulação intencional pelo pesquisador não é permitida. Sendo assim, caracteriza-se por dados descritivos que apresenta o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Esse tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa, principalmente por não precisar medir unidades dos elementos estudados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Assim, há certa liberdade em se pesquisar a violência, nesse tipo de abordagem, uma vez que pode-se obter as particularidades e experiências individuais de cada caso, observando os elementos multifatoriais que a ocasionam.

Quanto aos periódicos de escolha para a publicação, há a predominância em um periódico de Qualis B, a Revista Gaúcha de Enfermagem, concentrando 30% das pesquisas. A Revista Brasileira de Enfermagem, de Qualis A2 publicou 16% das pesquisas. Os demais periódicos de publicações da base temporal estudada foram: Acta Paulista de Enfermagem, Texto e Contexto de Enfermagem, Escola Anna Nery, Cadernos de Saúde Pública, Revista Escola de Enfermagem e Revista Eletrônica de Enfermagem.

Cerca de 62% das pesquisas apresentavam os termos “violência e enfermagem” em seus descritores ou palavras-chaves. Ainda nesse contexto, o termo violência de modo isolado aparece com mais frequência do que o termo enfermagem.

No que diz respeito à caracterização da violência abordada nas pesquisas, a violência de gênero lidera o ranking com 34%, seguida da violência doméstica que aparece em 23% das publicações, ambas com abordagem principal ao público feminino. Os subtipos violência no trabalho, violência no contexto escolar, feminicídio, violência ligada a drogas, violência contra o idoso, violência institucional e violência afetivo-sexual também aparecem nas publicações, de forma isolada e em alguns casos, com mais de um desses subtipos em um mesmo artigo.

A violência de gênero, principalmente aquela dirigida a mulher, constitui um campo teórico-metodológico, linguístico e narrativo, baseado em reivindicações feministas nacionais e internacionais, caracterizando um alerta para intervenções nos setores de segurança pública, saúde e justiça (BANDEIRA, 2014). Qualquer ato de violência contra a mulher constitui abuso de seus direitos, necessitando de esforço social para prevenção e enfrentamento desse problema de saúde pública que configura uma das principais causas de morbimortalidade feminina (BRASIL, 2014).

Na última década, a violência doméstica contra a mulher ganhou maior visibilidade nacional e internacional, com discussões que abordam também os agravos que desestruturam todo o contexto familiar e a integralidade da mulher, e não somente os agravos à saúde destas (DURAND, et al., 2011). Tal fato explica a maior abordagem ao público feminino, bem como a predominância de estudos sobre violência de gênero e violência doméstica, uma vez que em grande parte, as mesmas encontram-se relacionadas.

Acosta *et al.* (2017), em seu estudo sobre os aspectos éticos dos profissionais de enfermagem frente a violência doméstica, revelam uma das facetas da problematização do enfrentamento à essa violência. Neste, evidenciou-se lacunas no conhecimento por parte da enfermagem em relação as suas competências e a dificuldade observada no quesito notificação, onde a notificação compulsória somente é efetivada na maioria dos casos de doenças compulsórias, havendo assim, subnotificação da violência.

Acrescentando à problemática do estudo anterior, Leite *et al.*, (2016) trazem o relato de enfermeiros a respeito das barreiras existentes para a assistência à violência doméstica contra crianças e adolescentes, caracterizando o poder público como resolução no que diz respeito à disponibilidade de um maior corpo profissional, evitando sobrecarga de trabalho e permitindo a devida capacitação para agir contra esse problema. A formação

qualificada dos profissionais de saúde potencializa uma assistência eficaz, estimulando e despertando intervenções pertinentes para o ciclo de violência infantil. Para tanto, o setor saúde requer serviços assistenciais em quantidade e organização, recursos financeiros e pessoas capacitadas para lidar com as situações de violência (EGRY *et al.*, 2017).

O estudo feito por Cortes *et al.*, (2015) abordou um dos fatores decisivos para o enfrentamento e prevenção da violência contra a mulher, no qual o enfermeiro tem total autonomia para efetuar-lo. Trata-se da escuta ativa e qualificada com assistência voltada a toda singularidade da mulher e não somente ao corpo físico. O estudo aborda a capacidade de empoderamento que o enfermeiro tem em mãos, ao se comprometer em estar junto da paciente. Nesse contexto, também se evidenciou a relevância da equipe multiprofissional para o desenvolver de uma assistência integral.

Em outro estudo feito por Cortes juntamente com Padoin (2015), revelou a típica atuação dos enfermeiros em um serviço de urgência e emergência, na qual a recuperação física e do bem-estar das mulheres violentadas vem em primeiro lugar. Dessa forma, é apontada a relevância em englobar as ações de cuidado aos outros determinantes que compõem o mundo dessas mulheres, como por exemplo, as relações sociais: com o companheiro, com os filhos, vizinhos. Salientou-se também, a influência positiva da estabilidade socioeconômica para o enfrentamento à violência, redução de danos atrelados a ela ou até mesmo a interrupção dessa situação.

Corroborando com o estudo supracitado, Netto *et al.* (2017) evidenciam em seu estudo, através de discursos de mulheres que sofreram violência, a relevância dos elementos do meio social como auxílio para sair do ciclo de violência, no qual foram apontados alguns parentes e amigos como rede de suporte em direção à autonomia dessas mulheres.

Assim como se pôde denotar nos estudos anteriores, observou-se a predominância de temáticas voltadas para as adversidades encontradas no enfrentamento à violência nos demais artigos analisados, onde instigavam uma reflexão crítica acerca da temática e descrevendo possíveis caminhos para seu enfrentamento.

CONCLUSÃO

Neste estudo, a abordagem qualitativa foi utilizada na maioria das pesquisas, as quais tiveram maior publicação no ano de 2013, tendo a Revista Gaúcha de Enfermagem como periódico de maior publicação. Os resultados apresentaram a violência de gênero e doméstica

REALIZAÇÃO:



como as mais prevalentes, tendo abordagens à criança, ao adolescente, mas principalmente à mulher.

Os resultados apresentaram mais semelhança entre as pesquisas do que discordâncias, além de refletir sobre a importância de publicações de enfermagem no que diz respeito às intervenções para o enfrentamento da violência em todo o contexto que a rodeia. A repercussão da análise proporcionou um agregado de conhecimentos sobre as lacunas existentes no enfrentamento à violência de gênero e doméstica contra a mulher, que foram enfatizadas na maioria da análise, bem como permitiu observar a carência de abordagem mais precisa aos demais subtipos de violência.

O despreparo profissional, foi um dos principais empecilhos abordados para o enfrentamento à violência, cabendo aos órgãos responsáveis subsidiar a carência com recursos humanos e financeiros, uma vez que a sobrecarga de trabalho dificulta uma abordagem a toda integralidade da vítima. Nesse sentido, a assistência integral à saúde foi apontada como ponto-chave para o enfrentamento e/ou resolução da problemática enfrentada na violência de gênero e doméstica, considerando todos os determinantes que possam interferir positiva ou negativamente no enfrentamento, combate, redução e cessação do ciclo de violência.

Embora a pesquisa tenha sido feita em apenas um diretório de revistas, com periódicos nacionais de enfermagem e de saúde pública, ainda se considera escassas as publicações a respeito dessa temática pela enfermagem, uma vez que foi observado que o ano de maior publicação foi 2013, com baixa periodicidade nos demais anos. As pesquisas em enfermagem subsidiam a PBE, ao realizar uma investigação sistemática para responder perguntas e solucionar problemas, permitindo aos enfermeiros fundamentar suas condutas e pensamentos crítico-reflexivos, dando-lhes suporte para uma assistência especializada e resolutive.

Considerando que a violência está presente nos diversos âmbitos, e na maioria das vezes as pessoas agredidas não têm noção que uma “simples” agressão verbal, por exemplo, se configura como violência, é necessário que além do suporte financeiro, os profissionais de enfermagem sejam capacitados no sentido de atuar na redução e resolução de problemas.

Assim, cabe aos estudantes e profissionais de enfermagem que atuam primariamente no acolhimento às vítimas de violência, fundamentar suas ações através de evidências, para que haja um atendimento preciso e com maior eficácia. Além disso, deve-se produzir pesquisas a respeito de hipóteses advindas de suas próprias experiências, para dar suporte aos demais profissionais da área, bem como de outros setores. Contudo, apesar das

publicações já existentes, torna-se necessário o incremento de mais pesquisas sobre a temática e uma maior periodicidade dessas publicações.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Daniele Ferreira; GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; OLIVEIRA, Denize Cristina de; GOMES, Giovana Calcagno; FONSECA, Adriana Dora da. Aspectos éticos e legais no cuidado de enfermagem às vítimas de violência doméstica. **Texto Contexto Enferm.**, v.26, n.3, 2017.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, v.29, n.3, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres** / Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

_____. BRASIL. Ministério da saúde. **Sistema de Vigilância em Violência e Acidentes**, 2015. Disponível em: < <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinanet/cnv/violebr.def> >. Acesso em: < 24 ago. 2017>.

_____. BRASIL. Ministério da saúde. **Sistema de informações de mortalidade**, 2015. Disponível em: < <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/ext10uf.def> >. Acesso em: < 24 ago. 2017>.

CORTES, Laura Ferreira; PADOIN, Stela Maris de Mello; VIEIRA, Letícia Becker; LANDERDAHL, Maria Celeste; ARBOIT, Jaqueline. Cuidar mulheres em situação de violência: empoderamento da enfermagem em busca de equidade de gênero. **Rev. Gaúcha Enferm**, p. 77-84, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36nspe/0102-6933-rgenf-36-spe-0077.pdf> >. Acesso em: 23 Ago. 2017 >.

CRUZ, Suélen Henriques da; AZEVEDO, Mario Renato, GONCALVES, Helen. **Vitimização por violência urbana em uma cidade de médio porte do Sul do Brasil**. Rev. Bras. Epidemiol, v.14, n.1, p.15-26, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2011000100002&script=sci_abstract >. Acesso em: <24 Ago. 2017>.

DANTAS, Rodrigo Assis Neves; FARIAS, Glaucia Maciel de; RAMOS, Cristiane da Silva; COSTA, Isabel Karolyne Fernandes. Tendências da produção científica brasileira de enfermagem sobre violência, no período de 2003 a 2008. **Rev. Min. Enferm**, 2008.

DURAND, Julia Garcia; SCHRAIBER, Lilia Blima; FRANÇA-JUNIOR, Ivan; BARROS, Claudia. Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. **Rev. Saúde Pública**, v.45, n.2, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102011000200014 >. Acesso em: < 26.ago.2017 >.

EGRY, Emiko Yoshikawa; APOSTOLICO, Maria ROSA; MORAIS, Teresa Christine Pereira; LISBOA, Caroline Carapia Ribas. Enfrentar a violência infantil na Atenção Básica: Como os profissionais percebem? **Rev Bras Enferm**, v.70, n.1, p. 119-125, 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n1/0034-7167-reben-70-01-0119.pdf> >. Acesso em: < 25 Ago. 2017 >.

LEITE, Jéssica Totti; BESERRA, Maria Aparecid; SCATENA, Liliana; SILVA, Lygia Maria Pereira da; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Enfrentamento da violência doméstica contra crianças e adolescentes na perspectiva de enfermeiros da atenção básica. **Rev. Gaúcha Enferm**. [online]. 2016, vol.37, n.2. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472016000200415&script=sci_abstract >. Acesso em: <25 Ago. 2017 >.

LIMA, Larissa Alves de Araújo; OLIVEIRA, Jaqueline Castilho de; CAVALCANTE, Francélia Alves; SANTOS, Werllania Stheffannyi Veloso; SILVA JÚNIOR, Fernando José Guedes da; MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza. Assistência de enfermagem a mulheres vítimas de violência doméstica. **Rev Enferm UFPI**, 2017.

NETTO, Leônidas de Albuquerque; MOURA, Maria Aparecida Vasconcelos; QUEIROZ, Ana Beatriz Azevedo; LEITE, Franciele Maraboti Costa. Isolamento de mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo: uma condição em redes sociais. **Escola Anna Nery**, v.21, n.1, 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452017000100207&script=sci_abstract&tlng=p >. Acesso em: 25.Ago.2017.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Repositório de Dados do Observatório Mundial de Saúde**. Geneva: OMS, 2014. Disponível em: < <http://apps.who.int/gho/data/node.main.1?lang=en> >. Acesso em: 24.ago. 2017.

_____. Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre a prevenção da violência**. São Paulo: OMS, 2014. Disponível em: < <http://nevus.org/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf> >. Acesso em: 25.ago. 2017.

POLIT, Denise; BECK, Tatano Cheryl. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: Avaliação de evidências para a prática de enfermagem**. 7ª ed. São Paulo, Artmed, 2011. 670 p.

em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios

CONGRESSO REGIONAL

REALIZAÇÃO:  CNPq

 GRUPO DE PESQUISA
VIOLÊNCIA E SAÚDE



VALENTE, Aline Leidielly; DALLEONE Mariana; PIZZATTO Eduardo; ZAITER Wellington; SOUZA Juliana Feltrin; LOSSO Estela Maris. Domestic Violence Against Children and Adolescents: Prevalence of Physical Injuries in Southern Brazilian Metropolis. **Braz. Dent. J.** v.26, n.1, p 55-60, 2015.



I CONGRESSO BRASILEIRO
em Violência na Perspectiva da Saúde Pública: Experiências e Desafios

e

CONGRESSO REGIONAL
em Violência na Velhice: Abordagem em Saúde Pública

REALIZAÇÃO:

